

## O HOMEM HIPERMODERNO EM BUSCA DO TEMPO E DO PRAZER, AMBOS PERDIDOS

Ana Paula Perissé

[anapperisse@yahoo.com](mailto:anapperisse@yahoo.com)

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4255993H1>

### RESUMO

Neste artigo procura-se articular a personalidade narcisista contemporânea (LASCH,1983) em busca do imperativo do gozo hipermoderno como uma articulação teórica para compreender o homem no mundo contemporâneo, aquele que é emocionalizado pelo efêmero, fluido e volátil, “reconfigurado” em contínuos *upgrades* pelas novas tecnologias e por suas corolárias tecno-imagens. Um homem que vive impregnado pelas novas tecnologias e por imago-imagens cujo sentido de imersão aqui é da ordem de um viés sociológico que remete à idéia da impossibilidade de estar situado fora do contexto tecnológico atual, cenário de quase todas as trocas pessoais, sociais e profissionais que se realizam hoje. Enfim, compreender o homem, na atualidade, ainda é um desafio. Sempre o foi, e para sempre o será, uma vez que o humano e suas múltiplas possibilidades de subjetividade, as quais se revestem em novas e aceleradas modelagens, é o campo de mutação que justifica a existência deste trabalho.

Palavras-chave: hipermodernidade, novas tecnologias, subjetividade.

A personalidade narcisista contemporânea (LASCH,1983), em busca do imperativo do prazer atual, é minha articulação teórica para compreender o neo-tecnosapiens<sup>1</sup> do mundo contemporâneo, o “homem psicológico de nossos tempos” (idem,1983,p.14) emocionalizado pelo efêmero, fluido e volátil, “reconfigurado” em contínuos *upgrades* pelas novas tecnologias e pela nuvem formada pelos movimentos da internet.

Gostaria de articular a possibilidade de se entender o homem contemporâneo como uma personalidade narcisista encantada, seduzida e também transformada, a partir do advento das novas tecnologias de informação, pela aceleração de tempo, pela ausência da capacidade de simbolização e pelo excesso de estímulos imagéticos os

---

1 O homem que vive imerso nas novas tecnologias. O sentido de imersão aqui é da ordem de um viés sociológico que remete à idéia da impossibilidade de estar situado fora do contexto tecnológico atual. Fora deste não há troca profissional e uma escassa redução em suas “trocas sociais”, quiçá pessoais.

quais parecem romper com o tempo disponível do humano para a compreensão destes em todas as instâncias de seu aparelho psíquico.

Fenômeno corolário, portanto, desta miríade de cenários citados acima, aparecemos a experiência de “estar sem tempo”, de alçar milhares de vôos para um acúmulo de nada e tampouco significações. Em busca do tempo perdido ou a abissal angústia de não tê-lo reveste-se, na hipermodernidade, da vontade (inconsciente, talvez) de seu afastamento da sua real apropriação. Uma hipótese.

E sem tempo, não há gozo...

Embora Lasch tenha escrito sua obra em 1983, a atualidade seminal da mesma parece ser veículo de um paroxismo que muito me interessa: o encantamento pelo futuro linear (não- benjaminiano<sup>2</sup>) do homem de hoje ainda tem seu retorno garantido, por vias tortuosas e elípticas, rumo a um passado eloqüente.

Volta ao passado, navegação e *downloads* para O futuro, um estranho contexto que nos apresenta um presente presenteísta, fixado no hoje e na falta de tempo que se perde em busca de um prazer também ilusório e aprisionante, possibilitado pelo surgimento de novas técnicas, o novo saber fazer humano atual. Uma neo *teckné* que possibilita a este novo homem não ser mais, como afirma Lasch (1983), um sujeito “perseguido pela culpa, mas pela ansiedade” e cuja grande vontade é encontrar um sentido para a vida. Uma vez “liberto das superstições do passado, desta culpa freudiana, “ele duvida até mesmo da realidade de sua própria existência.” (p.14). Em sua efêmera superfície, é tranqüilo e tolerante, todavia vê-se privado da segurança e de pertencimento a algum grupo mais duradouro...

... e considera os outros como rivais [...]. Ferozmente competitivo em seu desejo de aprovação e reconhecimento [...] Ganancioso, no sentido de que seus desejos não têm limites, ele não acumula bens e provisões para o futuro, [...] mas exige imediata gratificação e vive em estado de

---

2 Benjamin acredita na falência da idéia iluminista de progresso e entende a existência da história como uma antítese a este, algo da ordem do não linear, uma espiral de tempo que vai e volta, resgatando restos do passado no presente eternamente reconfigurado. A certeza que a razão instrumentalizada trouxe para si é uma falácia, o futuro também pode estar à reboque nas asas de um anjo da história a despertar de um sonho, este sim o movimento da história.

desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito. (idem, 1983, p. 15)

Num rápido lance de dados ao longo de breve continuum de história, poderemos observar em dois tempos:

*Uma janela/ Windows que se abre para passado recente:*

O sujeito moderno e individualista do século dezenove aplicava seus recursos financeiros na bolsa de valores de então a qual refletia a movimentação dos recursos econômicos da época moderna ancorada em ativos oriundos do gerenciamento da circulação de mercadorias reais com lastro em ouro, com comunicação analógica de apenas um pólo da díade emissor--receptor e através da figura de um corretor de carne e osso. Seus dividendos poderiam ser reaplicados em novas transações que garantiriam uma estabilidade financeira para seu negócio, quiçá sua família, num movimento de longo prazo apesar dos riscos presumidos e assumidos de uma operação financeira. Um jogador com confiança e fé no futuro e no progresso, na estabilidade das instituições sociais, nos controles austeros e disciplinares do saber e do viver à época. Imagino sua faceta lúdica ao se dedicar aos prazeres das apostas em cavalos ou cartas.

*Uma janela/ Windows que se abre para a atualidade hipermoderna:*

Estamos aqui no cerne experiencial de uma era que estabelece importantes rupturas em relação à fase inaugural das sociedades modernas. Tomemos como referencial os principais elementos definidores da hipermodernidade<sup>3</sup> na compreensão de Lipovetsky (1983), através do olhar de Salem (2001). Observa-se, portanto, num primeiro momento,

uma inflexão nos modos de socialização que, hoje, encontram-se sob a égide de dispositivos abertos e plurais. Ou seja, o período é assinalado como sendo cenário de uma derrocada dos métodos coercitivos, austeros e disciplinares que dominaram na época moderna afirmando, em seu lugar, dispositivos de socialização que ampliam ao máximo as opções e escolhas dos indivíduos. Em segundo lugar, a pós-

---

3 De uma forma genérica e de acordo com as reflexões de vários teóricos os tempos atuais podem ser compreendidos em categorias como contemporaneidade, hipermodernidade ou pós-modernidade. Não me cabe aqui fazer uma análise aprofundada das diferentes concepções abarcadas pelo rótulo destas categorias de tempo, importando-me antes destacar, com base na definição de alguns autores, os principais elementos que permitam a compreensão da experiência subjetiva de hoje.

modernidade testemunha a radicalização e a emergência plena do individualismo hedonista e personalizado.” (2001, SALEM, p.100)

Parece-me, neste momento, que o mais importante hoje, na hiperatualidade tecnológica é o gozo do tudo ao mesmo tempo agora, uma experiência de realização pessoal e imediata de viver o aqui e, naturalmente, o tempo de agora. Intrinsecamente ligado a este fato, Salem (2001) observa uma terceira característica: o império da indiferença de massa. “Na pós-modernidade domina o sentimento de saciedade e de estagnação e a confiança e a fé no futuro e no progresso dissipam-se por completo. (2001, SALEM, p.100). O homem fecha-se em si mesmo. Um retorno da libido a si?

O ganancioso narcísico do século vinte e um aplica seus voláteis recursos na tentativa imediata e presenteísta de realizar os seus desejos e construir o seu próprio destino e bem estar sem os rígidos e coercitivos enquadramentos vitorianos do passado. Este processo de personalização descrito por Lipovetsky (1983) é estimulado pela aceleração das técnicas, que eu traduziria pela novas tecnologias, pela gestão empresarial, pelo consumo de massa e pelos media.

Um império efêmero que se inscreve na lógica da sedução, exponencial cenário da liberdade ilusória de escolha do sempre o mesmo, mercadorias que desfilam numa incessante dança disponibilizada pela alavancagem dos recursos tecnológicos de produção, distribuição, comunicação e financiamento.

Sob a égide do império da sedução, o sujeito parece apresentar uma insatisfação sem nome, vaga, com a vida, sentindo que sua existência amorfa é fútil e sem finalidade. Este autor descreve sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, de depressão, de oscilações violentas da auto-estima e de uma incapacidade geral de progredir. Este sujeito do tipo narcísico vai apresentar

uma sensação de auto-estima aumentada somente quando se liga a figuras admiradas e fortes, cuja aceitação ele deseja muito, e por quem precisa sentir-se apoiado. Embora empreenda suas responsabilidades cotidianas e chegue mesmo à distinção, a felicidade o ilude e a vida freqüentemente não é, para ele, digna de ser vivida” (Lasch apud Salem, 2001, p.107).

Esta é uma “experiência subjetiva de vazio do narcisista, um sujeito do tipo cronicamente entediado, incansável na procura de instantânea intimidade – de excitação emocional sem envolvimento e sem dependência” (idem, p.107). Nesse contexto, o homem da atualidade, o homem tecno-narcísico, parece abdicar de um compromisso com a esfera pública em proveito da busca de auto-satisfação, uma vez que:

sua indiferença a quaisquer ideais que estejam para além do seu eu representa uma mera preocupação com a própria sobrevivência. Por detrás de uma fachada de tolerância politicamente correta e de uma ilusória aceitação da alteridade encontram-se indivíduos indiferentes a tudo que não seja do interesse pessoal e que se tornam avessos à qualquer coisa que se imponha como obstáculo à gratificação imediata de seus desejos.” (ibidem, p.109)

As novas tecnologias configuram tecnicamente os meios pós-massivos, onde processos de comunicação entre consciências perfazem um caminho de mão-dupla aumentando as possibilidades de combinação e recombinação de trocas informacionais de todos os tipos. “A personalização fundamenta-se, e é incitada, por este mundo interativo: o acesso personalizado à informação e às imagens engendra, nos termos de Lipovetsky, uma “ideologia do self-service” cuja principal estratégia é, mais uma vez, a sedução.” (SALEM, 2001, p. 102)

Viver para o momento é a paixão do sujeito hipermoderno. Numa sociedade sem futuro que perdeu o sentido do tempo histórico viver para si é também viver tão-somente no presente, celebrando o descompromisso do aqui e agora. Uma vida para seu gozo.

Viver emoções presenteístas e não sentimentos duradouros, como afirma Michel Lacroix (2006), viver toda a emoção do mundo numa grande bulimia de sensações, numa imensa agitação afetiva parece caracterizar o novo estatuto de ser/estar/brincar hipermoderno. Este novo não-lugar do sujeito acrítico mas em busca do gozo total parece estar deslocando o lugar da reflexão e o inevitável encontro do sujeito com sua angústia ontológica, original do próprio ser-de-fato, a “vertigem da liberdade” segundo Kierkegaard (1968, p.66), para um novo lugar que desconhece a figura do outro como constituinte de nós mesmos.

Alteridade fugidia e enevoada que nos conduz a um desejo linear, não contemplativo de abarcar a idéia de felicidade como mais um produto a ser adquirido e

consumido. Nesse processo, a figura do outro pode aparecer a este novo sujeito desejante como uma categoria ameaçadora tal como um obstáculo a ser superado ou até mesmo inserido no contexto relacional de forma reificada e fetichizada.

Chegamos a um aspecto agudizante do cenário da hipermodernidade, grande palco do jogo da exacerbação, da aceleração e do excesso, das múltiplas possibilidades da mesma opção, das infinitas escolhas de um só que nos oferece, cotidianamente, os discursos dos meios de comunicação pós-massivos: a necessidade de ser feliz como mercadoria, o Grande desejo de consumir a alegria não reflexiva e o gozo de viver fechado num grande pacote para presente, numa espécie de esvaziamento inflado do super-ego.

Tudo ao mesmo tempo agora. Se o outro sempre me escapa, é imperativo que eu seja feliz construindo meu próprio caminho, não me afligindo, não sofrendo, não me deprimindo. Mas, como fazê-lo com eficácia e rapidez, porque não há mais tempo, dentro desta lógica instrumental?

As novas tecnologias colocam em cena um grande e atraente cenário de apresentação de um novo real, de uma realidade desejada, do não confronto desconfortável com o outro. Através de novos *softwares* que recriam um mundo asséptico, inodoro, seguro, sem balas-perdidas e homens-bomba no monitor de qualquer um dos não excluídos digitais. O não confronto é da ordem da aceleração e do prazer.

Ali, aqui, na minha tela, regras são poucas e possibilidades imensas. Encontro com o meu outro transfigurado em avatar ou em alguma persona distante de alguma rede social, navegante de algum *site* de notícia, lazer, sexo, afins, enfim a *persona* do meu Eu Tecnológico livre para realizar as minhas fantasias.

Ao tentar articular as diversas matizes que me parecem constituir o tecno-sujeito-hiper-narcisista, encontro-me com o desafio de pensar o homem contemporâneo permeado por diversos atravessamentos históricos-sociais cujos diálogos vão aparecer no registro psíquico de uma polifonia fugidia: um sujeito que traz em si o sentimento de uma ausência pulsante, um vazio não trágico diante de uma viva vivida no real-orgânico regida por uma lógica instrumental desumanizante mas que, ao abandonar seu superego

freudiano-analógico, lança-se num novo reino de gratificações narcísicas constantes onde a figura do outro e/ou da culpa parecem não mais ocupar o importante espaço de outrora.

Parece-me co-existir dois grandes estímulos, intimamente imbricados em sua essência, que contribuem para o contínuo sucesso da equação internet-tempo-prazer: a possibilidade de realizar as duas fantasias mais caras ao sujeito da modernidade tardia: o desejo de reconhecimento num movimento “contra a angústia insuportável de sentir-se inexistente” (ZIZEK, 2002, p. 24) nesse mundo áspero onde circulam, uniforme e retilineamente, mercadorias-objeto e mercadorias-sujeito travestidas em múltiplas formas de um mesmo e o de movimentar e gerar mais capital. Ambas as fantasias do excesso extremo e portadoras da ausência da figura (antiga) de um outro, ou como diria Zizek, fantasias que se realizam ao colocar em cena a “experiência do Outro sem sua alteridade” (idem, 2002, p. 25) uma vez que a “realidade virtual simplesmente generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de sua substância, do núcleo duro e resistente do Real”. (ibidem, 2002, p. 25)

Ao esvaziar a realidade da crueza de sua “ancestral malignidade”, aquilo que existe de fato se desrealiza ficcionalizando-se em um real virtualizado e gratificador, uma essência estimulante do novo tempo desta ambiência.

A internet como suporte técnico-imaterial da imagem hipermoderna, como uma sucessão de mecanismos que simulam um novo tempo de prazer, também se torna o novo ponto de inflexão teórica. Fui aluna do professor Eduardo Neiva quando fazia minha graduação em Comunicação Social na PUC-RJ. Atônita, não entendi que um dia encontrasse em um de seus escritos acadêmicos que Platão nutria certo receio à perspectiva. Hoje, com um de seus livros em meu *desktop* leio que “parecia-lhe imoral [a Platão] que o pintor corrigisse as proporções da realidade, adaptando-as às condições da visão”. (NEIVA, 1986, p.29) Ao supor uma identidade entre a Virtude, a Beleza e a Verdade, Platão assume uma posição moral diante das representações:

Em As Leis ele chega a admitir um controle sobre as imagens, que devem ser produzidas segundo critérios de aprendizado ético, [uma vez que] a perspectiva representa somente um dado da realidade: a maneira pela qual as linhas e os volumes se apresentam ao espectador. Ela é, portanto, pura aparência, mera ilusão. (idem, p.29)

Naturalmente que Platão preferia a objetividade e a permanência e deste ponto de vista a representação imagética verdadeira só se faria com o espectador expulso de cena. Na imagem com recursos da perspectiva, Platão percebe a ilusão do saber que dela advém porque representa o transitório ao se expressar a partir da subjetividade de alguém. Argumentação que me interessa sociologicamente uma vez que a imagem corporifica as estruturas da civilização que a produziu. Platão se tornaria um “poço de angústia existencial” posto que muito atormentado ficaria pelo excesso de estímulos visuais com o recurso de novas perspectivas hipermodernas. Estímulos imagéticos de todas as origens e suportes. Situo-me, no entanto, além da fotografia e cinema benjaminianos, para chegar ao novíssimo suporte da interface gráfica. Neste contexto, a representação da imagem emulada em uma tela de computador vai proporcionar um mix de tamanho estranhamento que nos distancia da criatura e do criador, do objeto representado, do elemento representante (o quê chamo de suporte), da metamorfose imaterial de um real cada vez mais distante, modelada pela imaginação do humano / máquina em interação. Indecifrável nos remeter ao lócus do original das imagens 3D, uma apresentação pura, desrealizada, mutante e acelerada, que escapa desde há muito aos confins do corpóreo.

Esta nova imagem da perspectiva tecnicizada ao extremo é o veículo da experiência de que podemos estar nos transformando num outro cuja habilidade de reflexão e abstração se dá através do imperativo de imagens em hiper-movimento. E esta transformação se dá pela capacidade de representação do computador, uma vez que esta autoriza que o mundo do 0/1, incompreensível para a maioria dos seres humanos, exceto aos especialistas da área, torne-se inteligível e modificável para todos através de sua manipulação.

A singularidade do computador em relação a outras máquinas reside no fato de ele ser um sistema simbólico que, [...], trafega representações ou signos: pulsos de eletricidade são símbolos que valem como 0 e 1, estes representam um conjunto simples de instruções matemáticas que, por sua vez, representam palavras, imagens, etc...” (BRUNO, s/d )

A imbricação homem/ técnica se faz desde, pelo menos, o homínídeo de 2001 – Uma Odisséia no Espaço. Que o homem também se constitui pela técnica não é novidade. Aqui, o interessante é poder ter uma nuance daquilo que o homem está se transformando como sujeito de sua /nova história. A neo imagem contemporânea é uma tradução da informação digital em uma linguagem visual através da interface gráfica. Em síntese:

Por meio da interface, o mundo do 0/1, o mundo da informação digitalizada, dos bits e pulsos eletrônicos não apenas torna-se significativo para os indivíduos, como torna-se uma espaço que passa a fazer parte do seu campo de experiência – do modo como eles trabalham, se comunicam, se deslocam, gerem sua memória, modulam sua identidade, entretêm relações afetivas e sexuais (idem, s/d)

Esta é uma idéia-chave para compreender porque nos aproximamos de forma imagética, sensória-prazerosa, motora e familiar com o mundo do computador, o nosso mundo. A informação armazenada no computador em linguagem pouco compreensível para nós, não especialistas, separa-se, distancia-se, cada vez mais do usuário que se sente à vontade com os novos dispositivos da interface gráfica como o suave toque no mouse e o deslizar com os dedos nas letras de seu teclado. Decodificações são feitas no *hardware* apesar da nítida sensação de controle. Sensação ilusória porque a cada comando corriqueiro e cotidiano o computador o transforma para a desconhecida matriz da linguagem 0/1. Nossa intimidade, no entanto, aumenta a cada dia, pois a tradução da informação de bits em imagens torna o ambiente agradável, cognitivamente apreensível, onde neste momento percebo que quase a totalidade de meus interlocutores fazia uma rápida associação entre a aridez do real analógico com as múltiplas possibilidades de ser e estar no agradável porém bizarro mundo digital. Associada a esta idéia surgia a questão das patologias hipermodernas que, oriundas dessa mesma inquietação de se viver num mundo áspero e repleto de infinitas demandas, são reapresentadas, insaciavelmente, ao indivíduo sozinho e consumidor, incapaz de realizá-las todas, por novas instâncias de um poder pós-disciplinar como a mídia, o consumo e o circulante no imaginário contemporâneo de bem-estar e *upgrades* de vida.

A grande promessa concretizada em 0/1 decodificáveis em imagens de ser (mais) o que não se é, ter (mais) o que não se tem, pertencer (com mais ênfase ou paixão) e ser

querido no grupo que se deseja, sem os riscos analógicos inerentes desta escolha, é a oferta asséptica das novas tecnologias. O *upgrade* pessoal a que todos almejamos sem o esforço mais áspero e poroso do contato com a vida orgânica. “O mundo virtual é tão imaginário quanto o outro, o nosso, subjetivo; mas é coletivo e vivenciado por múltiplas pessoas ao mesmo tempo.” (PORTO, 1999. p. 30). O mundo virtual é tão excludente quanto o real, porque a ciber-comunidade vai reafirmar o agrupamento de Eus tecnológicos segundo a lógica de especialista da modernidade reflexiva (GIDDENS, BECK & LASCH, 1995), do indivíduo narcisista-consumidor desencantado em busca das últimas novidades mercantilistas que vão torná-lo neste Eu ciber-fractal ( com uma espécie de super-ego enfraquecido) desterritorializado, muito mais veloz, sem muito tempo para a busca do novo e total prazer.

As novas tecnologias instauram um novo diálogo entre o tecno-sujeito-narcísico e a imagem quando, segundo Couchot (1999), estes obtêm a capacidade de interagir em tempo real, instantaneamente, ou melhor, *on line*. O “sujeito aparelha-se doravante a uma máquina de tipo completamente novo, que já não visa, no seu princípio, representar o mundo mas simulá-lo”. (idem, 1999, p.25). Este aparelhamento, como já vimos, se dá através das “interfaces gráficas, que vão solicitar cada vez mais regimes de percepção complexos e associados sinestesticamente”, (ibidem, 1999, p.25) como os *multimedia*, ou os dispositivos sem fio de atuação na imagem virtual, através de movimento mecânicos analógicos. Regimes de percepção através dos quais as trocas dialógicas se dão por meio de redes de comunicação de informação numérica. Grandes coletividades inteligentes se formam onde a subjetividade se faz fractal e cuja inteligência centra-se não só no sujeito quanto nos artefatos técnicos. Estes novos agrupamentos comunais de subjetividades fractais vão mergulhar o sujeito em um tempo fora do antigo fluxo analógico de *Chronos* e o lançar num devir acelerado e metamorfoseado por trânsitos de informação, de desejos e de emoções sensório-narcisistas .

Novos modos de ser das instâncias psíquicas que lidam com a vida, o trabalho e o lazer imersos nessa teia computacional pensante. O lazer hibridiza-se no tempo do trabalho formando um uno com plenas possibilidades de sucesso no mundo digital. O *continuum* de tempo alterado pelos fluxos de informação, as novas comunidades que se

socializam através da percepção e conhecimento de novas tecnologias que abarcam a todos os aspectos da vida do sujeito com o tratamento de um só. Blocos monolíticos multifacetados.

Este novo sujeito, portanto, parece não mais descansar. Ele é o outro em relação à Temporalidade “antiga”, colocando *Chronos* em descanso eterno. Decreta-se, ilusoriamente, a sua infinitude quando todas as instâncias constitutivas do sujeito tornam-se um bloco monocromático. Um grande monolito ao desejar incessantemente o milagre da natureza, da autopoíesis : renovar-se em upgrades infinitos.

Não estamos na era da informação. Não estamos na era da internet. Nós estamos na era das conexões. Ser conectado está no cerne da nossa democracia e nossa economia. Quanto maior e melhor forem essas conexões, mais forte serão nossos governos, negócios, ciência, cultura, educação. (David Weinberger apud Lemos, 2004)

O ciberespaço nunca foi um modo de existência à parte, porque sempre existiu em latência e é legitimado por linguagens, culturas e utopias específicas no entrecruzamento das experiências humanas, binária e analógica, aquilo que caracteriza a sua configuração como um espaço que existe na hipermodernidade, mas que poderia ter sido elaborado de outra forma a partir de outros e diferentes chamamentos simbólicos e culturais. No cenário atual, tal tecno-ineditismo parece proclamar a ausência da dor de um pecado que já se foi: esta hibridização de dois pólos complementares de uma Unidade Essencial aparece, na hipermodernidade, como a Grande Conquista deixando o pecado da mistura daquilo que se origina diferente na natureza sob o espectro da irracionalidade.

As conexões possibilitadas pelas novas tecnologias, os fluxos de informações que nos rodeiam por ondas eletromagnéticas invisíveis que se materializam em monitores LED, TV's de plasma ou CD's de imagens de ressonâncias magnéticas que ampliam a possibilidade de se ver ( uma nova forma de contemplação?) e de se prever a formação de uma patologia no corpo do novo humano são, a grosso modo, o caldo cultural no qual estamos imersos. A imagem é pura representação, um indicativo que nos fornece pistas de uma vida melhor, novas práticas tecno-sociais que nos dão o suporte tranqüilizador da razão tecno-científica-imagética. Podemos definir cibercultura como o grande espelho espectral de onde nos miramos em busca de um sentido não mais fugidio. Os modos *off* e

*online* de ser e de estar no mundo também se hibridizam; tempo, práticas sociais, economia e política, num grande processo de criação de um duplo homogêneo, numa estranha amnésia reflexiva-ilusória do que gera o quê e porquê.

Neste mundo cibercultural, o sujeito hipermoderno é capturado para dentro de um espelho (lembro-me de Narciso, mais uma vez...), cuja possibilidade de interação parece-me se constituir na ordem do reflexo. Sair da miragem é um desafio contemporâneo. Sair da miragem pode ser uma desaceleração menos prazerosa... todavia, uma capacidade de resistência do sujeito da hipemodernidade de fazer da miragem uma migração percebida e consciente de se estar diante de um espelho com possibilidades sadias, criativas e interativas de novas práticas tecno-sociais.

Nossas noções de tempo, de orientação, de espacialidade autor, de abstração, de reflexão e de sentir, parecem estar, em grande parte, comprometidas com a forma de produção de informação das novas tecnologias, móveis, ubíquas e sencientes, uma vez que o sistema de retenção de memória não mais se constitui numa instância independente do desenvolvimento técnico atual. Naturalmente, sempre houve uma relação entre homem/ técnica, mas o que se apresenta como o novo é a total independência auto-reprodutiva dos sistemas técnicos, da moderna tecnologia em relação às instâncias sociais e simbólicas formadoras de sentido para o homem.

O sistema técnico, segundo Stiegler (2003) está se tornando globalizado, planetário, abarcando para si, linearmente, como num grande monólogo de informações, os movimentos dos sistemas simbólicos contemporâneos. Um portentoso imaginário tecno-humano está em formação, transformando em fluxos binários experiências da ordem do orgânico, das inquietações e das angústias de sermos sujeitos. Sujeitos deslizantes em fluxos binários de subjetividades, desdobrados em duplos, personas de um sujeito que se falam nos mundos virtual e real através de um rápido e delicioso diálogo e que se lançam ao ambiente cibernético com a crença na possibilidade de um grande projeto de tradução da vida vivida em grandes arquivos de compatibilidade planetária, gerando uma teia vivencial e cognitiva onde criação, criador e criatura se perdem sem rastros em cascatas de *switches* de conexões. Um tecno-imaginário cujas

ferramentas de compreensão demandam um conhecimento de especialista disponível pelas estruturas capitalistas de distribuição de mercadorias.

As novas tecnologias aparecem aqui como o lócus das invenções do homem hipermoderno. A possibilidade de resposta contemporânea à pergunta que nos inquieta desde um início... Esta é uma nova inter-relação entre sujeitos pós-orgânicos (SIBILIA, 2003) mediados somente por seu “eu tecnológico- narcísico”, primeira na história da humanidade. Oscilando em hibridez entre lucidez e impulsividade, ambos falam da mesma ancestral vontade da latência de uma não presença enquanto uma outra se faz presente. Um duplo aparece enquanto o outro se esconde. Uma nova possibilidade de criatividade fornecida pelas novas tecnologias. Novas formas de simbolização da vida, do sentir e do fazer. Desde tempos imemoriais, a resposta está num pêndulo.

Uma nova racionalidade e, incito-me a pensar, uma nova sensibilidade, inerentes à forma como se configura as novas tecnologias estão postas. Com a capacidade de espantar-se com o novo ainda ativada, agora também por controles maquímicos que se hibridizam às emoções e comportamentos do tecno-homem-imagético que ainda sangra, pergunto-me se estaríamos perdidos diante de um espelho que nos exige um olhar mais racional para capturar a nossa imagem distorcida por nossos duplos tecnológicos? Ou se este olhar mais racional desprezaria a eventual emergência de uma nova sensibilidade a esta correlata?

\*\*\*

Em seu livro “As Estratégias Sensíveis”, Muniz Sodré aponta para o caminho da potência emancipatória da ilusão, da imaginação e da alegria diante de um mundo onde o estético e o sensorialismo se espraia na economia, na política, na cultura, sob a égide maior de sua influência na esfera da mídia em todas as suas formas de expressão. No lugar, portanto, da “antiga” interioridade psíquica que definia o sujeito psicologizado, estamos vivenciando um sujeito linkado ( ainda assim narcísico) por redes relacionais midiáticas e cibernéticas com uma força de atração estética quase da ordem da física newtoniana. Uma estranha força que parece derrotar, em parte, a antiga dicotomia entre lógica sensível e lógica do cálculo instrumental, nas palavras de Sodré:

A emergência de uma nova cidade humana no âmbito de novas tecnologias do social nos impõe, não apenas no plano intelectual, mas também nos planos territoriais e afetivos, terminar com um velho contencioso da metafísica que se irradiou para o pensamento social: a oposição entre o logos e o pathos, a razão e a paixão. Nesta dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital.” (SODRÉ, 2006, p. 12)

Em função deste aspecto dual, convoco Muniz Sodré e Marcelo D2 para sustentar teoricamente aquilo que denomino de uma fraternidade ética-estética dos duplos analógico e tecnológico do sujeito hipermoderno-narcísico, os quais já citei mais acima.

Ao tentar compreender a atuação dos novos sujeitos, desdobrados em seus duplos narcísicos, abarco a inquietação de Sodré sobre “a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental.” (2006, p.17) Diante desta abertura, acrescento uma outra possibilidade, ética, que estaria explícita na convivência da “Atitude, Amor e Respeito também” de Marcelo D2<sup>4</sup> cuja obra pop-comercial estaria remetendo, em ecos, a uma emanção pulsante de nossa sociedade.

Sentir, compreender e respeitar foram verbos citados em minhas reflexões como escritora /pessoa analógica simplesmente. Nuances ilusórias naturalmente se mesclam nesse novo agir, até porque trago a ambigüidade do ser-humano que se sente apto a fazer abstrações ao largo da existência de artefatos maquínicos mas que, extenuado pelo delírio da velocidade, sente medo ao assumir tantos riscos. O estético-imago-imagético aparece, então, como uma possibilidade de compartilhamento que abriga o respeito ao

---

4 À procura da batida perfeita”, música de Marcelo D2. Destaco parte da letra, grifos meus:

O bicho tá pegando  
A chapa esquenta  
O tempo passa mas a evolução é lenta.  
Mas não tenho pressa  
A velocidade é essa  
Não há nada nesse mundo Compadre que me estressa  
Porém Ah! Porém  
Há um caso diferente  
que envolve toda a minha gente  
Não se embuxa de ninguém  
Fica do lado do bem  
Atitude Amor e Respeito também

outro. Novas produções de significado a partir da interação homem-máquina quando o horizonte da experiência e do conhecimento é afetado em duplicidade pela imagem engendrada pela matemática e pelos afetos não binários da criatura-criadora em rede. Iluminada por Sodré, penso que quase todas as ondas vibratórias do espectro de observa o que empreendi ao longo deste artigo se encaixam dentro desta nova racionalidade emergente que ultrapassa o distanciamento binário e “potencialmente perigoso” do 0/1 analógico da lucidez versus emo o.

Para o pensamento hindu sta, segundo Sodré (2006), a emo o também   atravessada pela lucidez, isto  , “pela experiência de se ver para além da dualidade, dando lugar ao sentimento” (p.52). No cerne deste raciocínio está a antiga inquieta o humana de não misturar o obscurecimento corolário das paixões com a possibilidade de representa o das aparências imediatas. Num primeiro momento, um alerta vermelho virtual poderia soar nesta página acusando-me de pesquisadora tecnof lica ao encontrar momentânea síntese de mais puro encantamento. Onde residiria o tal distanciamento oscilante que me propus ao longo de qualquer reflexão em minhas reflexões?

O real impõe seus riscos e quem os agarra deve saber sustentá-los (o saber fazer humano, remontando ao conceito de *tekhn * grega) sob o receio ancestral de se perder. “Pelo sentimento passamos da dissocia o entre sujeito e objeto a uma unidade, mesmo que provisória, entre os termos disjuntos, entre o um e o alter.” (idem, p.52) Uma unidade que congrega duplos e sujeitos fractais num agir por conexões maquinais cujos reflexos no real se dão sob uma nova estratégia sentimental, inaugurando uma nova  tica e est tica humanas.

Este novo agir sentimental não está isolado dos liames do tecido social e econ mico da hipermodernidade. Também emergem, segundo Sodré, novas razões de produ o com ênfase no desejo do trabalhador e do consumidor. A acelera o e o prazer, os estímulos múltiplos das imagens não estão descartados. Não são mais corpos disciplinados que se põem a trabalhar e a consumir, mas “uma alma que não pode viver independente de valores e paixões” (NEGRI apud SODR , 2006, p.56), fluxos de subjetividades forjadas em ambientes cibernéticos (mais um *locus hipermoderno* para produ o de si) que se constituem também como produtores de capital.

Portanto, este novo agir sentimental de cuja outra razão também é portador, embebe os duplos tecnológico e analógico numa espécie de fraternidade dual oscilante entre o ilusório e o emancipatório, novas formas de resistência criativas com novas fôrmas de viver reificado bem menos narcísico. Parece-me que o sujeito hipermoderno, nas vestes do homem tecno-hipermoderno em busca do Tempo, da imagem e do gozo perdidos, é alguém de natureza ambígua ancestral da mesma forma que a oscilação das ondas eletromagnéticas alterna códigos binários em eternidade efêmera as quais lhe constituem imagens na tela e em seu coração.

Onde tudo é conexão, surgem sentimentos descorporificados que atuam na aspereza do real em outra presença colocando a semente do virtus em novas configurações onde o primado da razão tecno-científica se mescla à uma inteligibilidade sentimental. Uma instância de confusão mergulhando as novas formas de existência na mais pura contingência, o imponderável, uma força propulsora para além da vontade do ser que, na hipermodernidade, também pode estar a cargo dos efeitos dos novos artefatos maquínicos.

O que há de exponencial nas novas tecnologias talvez seja a possibilidade de nos oferecer a ancestral experiência de fronteira, do entre-dois, entre o divino e o humano, o orgânico e o binário numa investida de volta às origens. O tecno-homo também é um homem trágico sem o saber, uma vez que a sensação de desamparo pela fuga dos deuses da humanidade instaurou-lhe o desejo de reviver esta fusão com o divino. Daí um possível desconhecimento desta nostalgia que se faz nesse duplo impulso entre a oscilação de suas vivências na interface do virtual e real.

É nesta nova fraternidade entre os duplos do sujeito analógico, os quais emergem pela configuração da técnica hipermoderna, aonde o dual e dolorido impulso de viver o sabor do processo de secularização e a nostalgia da fusão com o divino reside. A aspiração ao limite da separação e o desejo de se mesclar à mistura ancestral se faz também, e com facilidade tecnológica, nos ambientes de transito entre internet e real.

A hipermodernidade parece-me o lugar do primado do híbrido, onde *hybris* e finitude se alternam como contradição ou como desejo. Os homens tecnológicos contemporâneos carregam em seus duplos (psíquicos?) esta ambiguidade ancestral da

impossibilidade de afirmar a sua autonomia por meio da ciência e da técnica, inaugurando, talvez, um pensamento da diferença que deva ser trágico ao remontar a dor inicial de todos os tempos. Acelerar e desacelerar, adiar o prazer, ver além das imagens...

O pensamento trágico aqui, “funcionaria como caução deste arquivo no qual pulsa um saber instituinte sobre os afetos, sobre a imagem, e sobre a linguagem. Ou seja, a dor e a alegria provocam o pensamento, contrariando a arrogante pretensão ou disposição metafísica de impor como único e verdadeiro o pensamento que, por sua neutralidade ou desejo de desafetar-se, desrealiza a vida.” (DUNLEY, 2005, p. 23)

O projeto inacabado destes novos homens velozes e furiosos nos fala de vida e de criação diante daquilo que não ousamos controlar. Há uma brecha de sermos aquilo que jaz, nos subterrâneos do desejo do homem contemporâneo, aquele que nos é interdito pelo mundo instituído, este mesmo que nos oferece as múltiplas escolhas do mesmo. Há o arriscado oferecimento, por meio de controles máqunicos, de “caminhar sob o impensável” (HÖLDERLIN apud DUNLEY, 2005 p. 220) até então, o traço mais duro desta nuance afirmativa da impossibilidade realizada em termos nos ciber-ambientes.

Neste novo mundo que se constrói, freneticamente, cada instante, por toques de dedos e de personas em conexões, a capacidade dolorosa e saudável do dilaceramento reaparece. Brincando na imensidão da internet, o tecno sujeito imagético da atualidade reafirma sua natureza trágica diante daquilo que pensa que controla para seu prazer em pouquíssimo tempo ao mesmo instante que se lança, sem redes de proteção, à mercê das ondas eletromagnéticas que o conectam ao mundo.

Nem encantado, nem temeroso, nem tão rápido tampouco tão prazeroso, porque emoções que se mesclam em novas hibridizações, este tempo efêmero nos impulsiona em busca de um saber que dê conta de tamanha transformação corriqueira, que acontece ao sabor de deslizamentos em teclados ergonômicos no *desktop* de nossas casas e cujo impacto pode fazer acontecer algo do inédito em algum lugar deste globo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, F. (s/d). Mediação e interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo. Disponível em < <http://www.ekac.org/USINOS-MedInterface.pdf> >. Acesso em 12dez.2006.

COUCHOT, E. Tecnologias de Simulação. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa: Editora Cosmos, p. 23-29, 1999

DUNLEY, Gláucia. **A Festa Tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional**. São Paulo: Editora Escuta. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

GIDDENS, A.; BECK, U & LASCH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1995.

KIERKEGAARD, S. **O Conceito de Angústia**. São Paulo: Hemus Livraria Editora, 1968.

LACROIX, M. **O Culto da Emoção**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.

LE MOS, A. Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão. **Razón Y Palabra**, 41, 2004. Disponível em: <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>> Acesso em 13 abril.2007.

LIPOVESTSKY, G. & CHARLES, S. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

NEIVA, E. **A Imagem**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PORTO, S. D. **Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na internet**. Brasília: Editora UNB, 1999.

SALEM, P. **O Vazio sem Trágico: um estudo histórico sobre o tédio**. Tese de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2001.

SIBILIA, P. **O Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2003.

STIEGLER, B. The Global Mnemotechnical System. **Culture Machine** 5, 2003. Disponível em: <[http://culturemachine.tees.ac.uk/frm\\_f1.htm](http://culturemachine.tees.ac.uk/frm_f1.htm)>

SODRÈ, M. **As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

ZIZEK, S. **Bem-Vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

## SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, extensão universitária em Fine Arts and Science pela UIUC, EUA, através de bolsa do Convênio PUC-RJ e University of Illinois, MBA em Marketing pela PUC-RJ, mestrado e doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com bolsa do CNPq. Atualmente, faz formação em Psicanálise pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise (candidata do

CEAFRS do Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção Rio de Janeiro). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Marketing e Teoria da Comunicação assim como em Psicologia Social, na interface sociedade e indivíduo, técnica e tecnologia, estética e psicanálise.